

FENOMENOLOGIA E NATURALISMO: DA HETEROFENOMENOLOGIA À NEUROFENOMENOLOGIAPHENOMENOLOGY AND NATURALISM: FROM *HETERO*PHENOMENOLOGY TO *NEURO*PHENOMENOLOGYLuciane Luisa Lindenmeyer¹

Resumo: Este artigo trata da disputa entre os campos filosóficos da fenomenologia e do naturalismo no que se refere ao problema da consciência. Problema que parece ainda longe de encontrar solução definitiva, dada a considerável incipiência das tentativas de aproximação entre esses campos teóricos. Até lá, o embate tem sido bastante significativo, o que tentarei demonstrar aqui. Para tanto, considerarei a posição do antinaturalismo fenomenológico tal como constituída por Edmund Husserl em contraste com a noção de *heterofenomenologia* de Daniel Dennett, elaborada a partir da sua crítica funcionalista à introspecção da fenomenologia pura. Também considerarei a recepção da fenomenologia na teoria corporificada de Francisco Varela e a noção de *neurofenomenologia*, desenvolvida através da sua crítica à fenomenologia como atividade puramente abstrata e reflexiva. Esses conceitos compõem, em diferentes níveis, o movimento de naturalização da fenomenologia no interior do qual encontramos tentativas de atualização da consciência fenomenológica e da sua pertinência para a elaboração de uma teoria da consciência humana.

Palavras-chave: Fenomenologia, Naturalismo, Heterofenomenologia, Neurofenomenologia, Consciência

Abstract: *This paper is about the dispute between the philosophical elements of phenomenology and naturalism about the problem of consciousness. Problem that, it seems, still far from finding a definitive solution, given the considerable incipience of the attempts to approach these theoretical fields. Until then, debate has been quite significant, which I will try to demonstrate here. To this purpose, I will consider the position of phenomenological anti-naturalism as constituted by Edmund Husserl in contrast to Daniel Dennett's notion of heterophenomenology based on his functionalist critique of the introspection of pure phenomenology. I will also consider the reception of phenomenology in Francisco Varela's embodied theory and the notion of neurophenomenology, developed through his critique of phenomenology as a purely abstract and reflective activity. These concepts make up, at different levels, the movement for naturalization of phenomenology within which we find attempts to update phenomenological awareness and its relevance for the development of a theory of human consciousness.*

Keywords: *Phenomenology, Naturalism, Heterophenomenology, Neurophenomenology, Consciousness*

¹ Doutoranda em Filosofia pelo PPG da UNISINOS. Mestre em Filosofia pela mesma universidade. Atualmente é bolsista Prosuc / Capes.

1. Introdução

A expressão fenomenologia naturalizada pode parecer um contrassenso para aqueles que estão familiarizados com as motivações filosóficas que dão origem ao pensamento fenomenológico na virada do século XIX para o XX. Período em que a filosofia enfrentava uma crise de legitimidade diante da rápida ascensão das ciências naturais. Nesse contexto, a fenomenologia é fundada por Edmund Husserl a partir de uma disputa metodológica não no interior das ciências naturais, claro, mas sim no campo filosófico. Essa premissa não é apenas uma informação histórica sobre a constituição da fenomenologia como campo autônomo, como é também a demarcação dos limites entre a fenomenologia e o naturalismo filosófico. No interior deste último, não há uma divisão metodológica tão radical entre filosofia e ciência. Pelo contrário, podemos encontrar a defesa de um “monismo metodológico” (RITCHIE, 2012, p. 138) entre filosofia e ciência em pensamentos como o de Willard V. O. Quine.

Husserl fundou o método fenomenológico através de uma clara posição antinaturalista. Nos tempos atuais, o mesmo cientificismo que foi incipiente na contemporaneidade de Husserl é, hoje, muito bem sucedido e, por contraste, qualquer posição antinaturalista encontra resistência se considerarmos todas as conquistas de conhecimento que são atribuídas às ciências naturais. Sobre essas questões, cabe aqui explicitar o que Husserl chama de antinaturalismo e como esse conceito corrobora as suas pretensões filosóficas de instituir a fenomenologia como campo filosófico autônomo em relação às ciências naturais, de modo a fundamentar a fenomenologia como teoria do conhecimento.

Quando nos referimos à fenomenologia ou ao naturalismo é importante considerar que existem variações conceituais entre os autores que compõem essas teorias filosóficas. A fenomenologia pura de Husserl pautada por um ego transcendental era inconcebível para Heidegger, *exempli gratia*. No contexto do naturalismo, há diferenças entre as posições construtivista e deflacionária². Ainda assim, as teorias naturalistas obtiveram grande destaque nas últimas décadas, ao aproximarem o método filosófico das explicações muito bem detalhadas e fundamentadas realizadas pelos cientistas. Apesar desse sucesso explicativo, ainda existem grandes lacunas, pelo menos, falta de consenso científico, no que se refere à consciência e à natureza dos estados mentais. Lacuna que tem proporcionado debates interessantes, por uma perspectiva

² Sobre essas diferenças, ver o capítulo 4, *A filosofia da ciência naturalizada*, contido no livro *Naturalismo* de Jack Ritchie.

filosófica. Em razão da amplitude do tema e da extensa variedade de alternativas teóricas, considerarei esse debate entre fenomenologia e naturalismo a partir do pensamento de Edmund Husserl e dos conceitos já naturalizados, em diferentes níveis, de *heterofenomenologia* de Daniel Dennett e de *neurofenomenologia* de Francisco Varela. Esses dois autores representam lados quase que antagônicos no que se refere à relevância da fenomenologia para as pesquisas das ciências cognitivas.

Apesar de grandes conquistas acerca do funcionamento cerebral, as ciências cognitivas estão bastante distantes de completas explicações sobre em que consistem a consciência e os estados mentais. Essa constatação é feita mesmo por funcionalistas como Daniel Dennett (1991, p. 22), pela afirmação de que “Hoje, a consciência permanece sozinha como um tópico que muitas vezes deixa até os pensadores mais sofisticados atados e confusos”³. Muito embora as realizações cerebrais possam ser observadas, esses tipos de estados não podem ser precisamente associados a determinadas regiões físicas do cérebro. Essa imprecisão é considerada não propriamente em análises de casos individuais, mas a partir do comparativo entre diferentes indivíduos, sem que de fato sejam replicados os resultados. Isso significa que não se pode afirmar que uma determinada realização cerebral tenha o mesmo conteúdo para todos os indivíduos. Se isso for de fato possível, ainda restará por explicar como ocorre a elasticidade cerebral, com a qual o cérebro é capaz de utilizar regiões diferentes de sua estrutura em casos de lesão. Essa lacuna é, em parte, a justificativa corrente para uma contemporânea aproximação entre dois campos bastante diversos, a saber: a fenomenologia e as ciências cognitivas. Muito embora existam interesses comuns, como a análise fundamentada das experiências conscientes, encontramos métodos distintos.

A outra lacuna correntemente mencionada é a que se refere às incompatibilidades entre algumas das posições das ciências naturais e algumas das abordagens filosóficas e que resultam em um tipo de circularidade fundamental resultante do embate entre ciência e o que autores, como Francisco Varela, chamam de experiência humana. Essa circularidade tem como pano de fundo, de maneira estrita, o desenvolvimento teórico tanto das ciências cognitivas quanto de teorias filosóficas como a fenomenologia sem nenhum ponto de contato entre elas. De maneira mais ampla, essa circularidade envolve as próprias tensões entre ciências naturais e ciências humanas. Se a fenomenologia, em especial a husserliana, tem como objeto as experiências de consciência e a suas equivalentes estruturas intencionais, o processo de naturalização da fenomenologia corresponde à conversão dessas estruturas em objetos propriamente científicos.

³ “Consciousness stands alone today as a topic that often leaves even the most sophisticated thinkers tongue-tied and confused”. (DENNETT, 1991, p. 22).

A lacuna explicativa sobre o problema da consciência é diretamente associada ao problema ontológico acerca da relação entre a mente e o corpo oriundo do interacionismo cartesiano⁴ e das insuficiências explicativas das ciências cognitivas. Isso ocorre na medida em que elas apresentam uma abordagem incompleta da consciência e dos fenômenos mentais, justamente por ignorarem os conteúdos qualitativos das experiências fenomênicas. A pertinência da fenomenologia para as ciências cognitivas parece estar na sua vocação para a introspecção, por meio da qual as experiências conscientes são sistematizadas e organizadas. A fenomenologia pode, nesse sentido, auxiliar nas questões sobre a relação da cognição com os fenômenos conscientes. Sobre essa interpretação, é possível a seguinte questão: a análise fenomenológica da consciência resulta efetivamente em uma abordagem filosófica fundamentada na introspecção? Husserl rejeitaria essa classificação.

2. Caracterização do antinaturalismo fenomenológico

A posição antinaturalista sempre apresentada como elemento característico da fenomenologia husserliana, e, em razão disso conhecida como fenomenologia “pura”, está relacionada com as críticas husserlianas à psicologia empírica e às suas implicações na lógica e na epistemologia, na medida que a orientação natural está, apenas, suspensa. Nesse sentido, Husserl não pretende fazer com que a fenomenologia seja equivalente a algum tipo de negacionismo científico, mas sim, pretende que a fenomenologia não dispute a explicação do mundo com as ciências naturais. A orientação fenomenológica, é, portanto, uma posição filosófica semelhante ao ceticismo sem duvidar, no entanto, da existência do mundo. Husserl, tal como Kant, admite a compatibilidade de suas proposições idealistas transcendentais com um tipo de realismo.

O antinaturalismo fenomenológico é o elemento central para a constituição da fenomenologia como análise descritiva do mundo, a partir das experiências de consciência. Ainda assim, a orientação fenomenológica está “aquém das oposições filosóficas tradicionais” (MOURA, 1989, p. 16), ao renunciar a um enquadramento nas abordagens filosóficas predecessoras como o realismo e o idealismo. Por conta da centralidade que os objetos puros recebem nessas análises,

⁴ Se na História da Filosofia tivéssemos dado destaque precoce para as refutações de Elisabeth da Boemia ao dualismo cartesiano feitas já no século XVI, talvez estivéssemos em outro estágio das análises filosóficas acerca do problema mente-corpo. Em todo caso, encontramos a mesma refutação feita por ela, em teorias contemporâneas como a de Daniel Dennett (1991), baseadas na impossibilidade de interação entre um elemento material, o cérebro, e outro imaterial, a consciência substancial de Descartes. No caso das teorias mais recentes, o pensamento substitui a consciência substancial cartesiana (quando defendido como um elemento imaterial).

Husserl propõe, de maneira claramente ambicionada, que o fenomenólogo não fará asserções acerca do mundo. A posição antinaturalista fenomenológica é contrastante com a psicologia empírica no sentido de que para a devida caracterização epistemológica do objeto de investigação da fenomenologia faz-se necessária a separação entre o sujeito empírico e o sujeito de conhecimento, o transcendental. O sujeito transcendental é anterior ao *ego* ou eu empírico.

Um elemento importante a ser considerado em um comparativo entre fenomenologia e cognitivismo, este último como teoria naturalizada da mente, é a questão da dissociação fenomenológica do ego em relação à consciência. Enquanto a consciência é intencional e, portanto, constituída por atos direcionados para o mundo, o *eu* ou *ego* é também um objeto, diferente dos demais, que é constituído na consciência. Sob essas condições, a posição antinaturalista, que funda a fenomenologia, resulta na análise da consciência a partir da sua relação com o mundo. Uma das marcas do pensamento fenomenológico está justamente na concepção de que o *ego* não é dissociado do mundo ainda porque ele próprio não possui autonomia ou uma existência isolada. O *ego* é constituído através da sua vinculação com o mundo.

3. Heterofenomenologia: entre fenomenologia e funcionalismo

A fenomenologia husserliana pode ser compreendida a partir de uma caracterização muito mais ampla do que a que comumente lhe é atribuída, isto é, a de que ela é uma ciência das essências. Nesse sentido, “a interpretação da fenomenologia como análise de essências faz com que se perca o fundamental” (MOURA, 1989, p. 19). Sua constituição como análise não de objetos puros, mas de objetos intencionais permite que a fenomenologia seja fundada como um modelo de teoria do conhecimento baseado na análise das experiências de consciência, ou ainda, de como temos consciência dos objetos a partir da relação entre o ideal e o real.

O método fenomenológico é o método que permitiria conhecermos as nossas estruturas de consciência por meio da sua relação direta com o mundo, ou ainda, da sua estrutura intencional através de uma análise reflexiva denominada de *redução*. Sob essas condições, o modelo de consciência ou mente propriamente fenomenológica refere-se aos atos de consciência que compõem a *intencionalidade*. Diante das dificuldades ainda existentes de responder às incógnitas sobre a consciência e os fenômenos mentais “[...] o que quer que nossas teorias materialistas possam

explicar, elas não explicam a consciência se negligenciarmos os fatos sobre a experiência que conhecemos tão intimamente ‘de dentro’⁵ (DENNETT, 1991, p. 42).

A partir desta constatação, aqui realizada por um dos grandes nomes da teoria funcionalista da mente, a fenomenologia é considerada ou rejeitada, como veremos, por conta da sua suposta vocação para a introspecção. Consequentemente, há a incorporação de alguns dos conceitos que integram as discussões fenomenológicas como o conceito de *intencionalidade* para os campos do cognitivismo e do funcionalismo. É no interior do funcionalismo que surge a noção de *heterofenomenologia*. Podemos igualmente encontrar um tipo de fenomenologia naturalizada na teoria corporificada da mente a partir da qual surge a concepção da *neurofenomenologia*.

Embora possamos encontrar alguns dos termos que compõem a fenomenologia nas análises de Dennett sobre a consciência, na sua visita ao jardim fenomenológico⁶, como ele mesmo descreve no seu livro *Consciousness Explained*, encontramos a seguinte afirmação:

A natureza quase-virtual da fenomenologia da compreensão foi quase totalmente ignorada pelos pesquisadores da ciência cognitiva, particularmente da inteligência artificial, que tentaram criar sistemas de computação com entendimento da linguagem. Por que eles voltaram as costas para a fenomenologia? Provavelmente em grande parte, por sua convicção de que a fenomenologia, por mais real e fascinante que seja, não é funcional - uma roda que gira, mas não envolve nenhuma das importantes máquinas da compreensão⁷ (1991, p. 56).

É claro que fenomenologia e ciências cognitivas são, de fato, campos com pouquíssimos pontos de contato entre as suas metodologias, pelo menos até o início do movimento de naturalização da fenomenologia na década de 1990 e que teve como um de seus precursores o biólogo Francisco Varela. É claro também que utilizar o conceito de *intencionalidade* não compromete necessariamente o pensamento de Dennett com o pensamento fenomenológico tradicional. Ainda porque ele mesmo apresenta, em *Tipos de Mente*, uma boa definição de intencionalidade remetendo para a sua significação medieval e alertando para a confusão entre *intenção* como relacionalidade e *intensão* vinculada ao significado linguístico.

A já mencionada visita de Dennett ao jardim fenomenológico parece comprometida com a associação da fenomenologia a algum tipo de teoria da imagem, como que se da análise

⁵ “Whatever else our materialist theories may explain, they won't explain consciousness if we neglect the facts about experience that we know so intimately ‘from the inside.’” (DENNETT, 1991, p.42).

⁶ “A Visit to the Phenomenological Garden”, título do capítulo 3 de *Consciousness Explained*.

⁷ “The quasivisual nature of the phenomenology of comprehension has been almost entirely ignored by researchers in cognitive science, particularly in Artificial Intelligence, who have attempted to create language-understanding computer systems. Why have they turned their back on the phenomenology? Probably largely because of their conviction that the phenomenology, however real and fascinating, is nonfunctional — a wheel that turns but engages none of the important machinery of comprehension”. (DENNETT, 1991, p. 56).

fenomenológica das estruturas das experiências conscientes ou da análise compreensiva das coisas restassem apenas imagens (*mental images*, *mental imagery* ou *mental pictures*) constituídas unicamente na mente do sujeito. Não podemos contar apenas com as imagens mentais de cada indivíduo para que a compreensão das proposições linguísticas seja efetiva. Dennett apresenta um exemplo para ilustrar essa limitação

A fenomenologia de diferentes ouvintes em resposta à mesma expressão pode variar quase *ad infinitum* sem nenhuma variação aparente na compreensão ou aceitação. Considere a variação nas imagens mentais que pode ser provocada por duas pessoas que ouvem a sentença. Ontem, meu tio demitiu seu advogado⁸. (1991, p. 56).

Ora, essa afirmação está de acordo com o antinaturalismo e o antipsicologismo fenomenológicos. A análise fenomenológica das experiências de consciência não se dá a partir de uma análise causal dos fenômenos de consciência, uma vez que fatos psíquicos ou atos psicológicos são variáveis para cada subjetividade. Isso significa que “a estrutura essencial da experiência não deve ser confundida com a estrutura causal da experiência”. (CERBONE, 2012, p.40). Por outro lado, a fenomenologia, e aqui, considero a fenomenologia husserliana, não corresponde a um modelo compreensivo baseado em imagens mentais, como se o conhecimento fosse, no fim das contas, uma imagem ou representação contida na consciência⁹. É claro que os objetos intencionais dependem da consciência, mas essa proposição é admitida em um contexto teórico que pressupõem um modelo de realismo ontológico. Ainda porque a redução fenomenológica não equivale à supressão, mas à suspensão da atitude natural.

Sob essas condições, o conhecimento fenomenológico não equivale a uma mera representação de objetos presente unicamente na consciência. Na fenomenologia de Husserl, há uma rejeição pela ideia de que a relação intencional entre consciência e mundo apelaria para a já tradicional mediação de representações mentais implicando em grande medida, também na reprovação do uso de imagens mentais como elemento exclusivo da constituição do conhecimento. Dennett considera que a introspecção resultante da análise fenomenológica pura, herdada pelo

⁸ “Different listeners' phenomenology in response to the same utterance can vary almost *ad infinitum* without any apparent variation in comprehension or uptake. Consider the variation in mental imagery that might be provoked in two people who hear the sentence Yesterday my uncle fired his lawyer”. (DENNETT, 1991, p. 56).

⁹ É importante considerar que Husserl trata da imagem em três principais dimensões: a imagem física (*physisches Bild*), o objeto imagem (*Bildobjekt*) e o sujeito-imagem (*Bildsubjekt*). Essa divisão ilustra que Husserl está ciente das diferenças ontológicas entre o objeto como percebido no mundo e o objeto já constituído como consciência de imagem. Consequentemente, essa é também a separação entre apresentação (*Gegenwärtigung*) e re-presentificação (*Vergegenwärtigung*). Sobre essas questões ver o artigo de Alice Mara Serra, *Imagem e Suporte: Fenomenologia e Desconstrução*. In: Ekstasis: revista de fenomenologia e hermenêutica. V.3, N.1, 2014, p. 25 - 42.

dualismo cartesiano, equivale ao que alguns cognitivistas chamam de *qualia*¹⁰, que são justamente os elementos qualitativos que compõem as nossas experiências de primeira pessoa. Dados que não são exatamente os mesmos que os chamados dados fenomenológicos¹¹. Estes últimos abrangem dados conscientes e inconscientes. Em todo caso, podemos considerar que tanto os *qualia* quanto os chamados dados fenomenológicos são supérfluos para a defesa de uma posição funcionalista, e, portanto, não reducionista da consciência¹², como pretendido por Dennett.

A teoria funcionalista de Dennett fundada por uma posição materialista em relação à consciência passa diretamente por duas condições intimamente ligadas. A primeira é a posição de que não há nenhum grande mistério em relação às nossas mentes, tal como as posições dualistas defendem. A segunda é a de que o eu ou as experiências de primeira pessoa são irrelevantes para a compreensão sobre a natureza da consciência ou dos fenômenos mentais. Essas condições permitem entendermos a crítica de Dennett à abordagem da fenomenologia pura da consciência intencional. Ainda que Dennett tenha dito que o materialismo é insuficiente para a resolução do problema mente-corpo, a análise introspectiva nos moldes do solipsismo cartesiano e que ele atribui à fenomenologia apresenta também restrições metodológicas para a elaboração de uma teoria da consciência e da natureza dos eventos mentais.

¹⁰ Termo não utilizado pela tradição fenomenológica, mas que aparece em alguns textos de vertente cognitivista como distinto dos chamados dados fenomênicos da mente. A diferença é que enquanto os *qualia* compõem os dados qualitativos inefáveis e privados da consciência – dos quais Dennett rejeita a existência – os dados fenomenológicos são mais amplos, abarcando todos os dados da subjetividade. Esta diferenciação indica que os dados fenomenológicos não são, portanto, redutíveis aos *qualia*.

¹¹ Destaco esta diferença conceitual por conta da sua importância para a caracterização geral do processo de naturalização da fenomenologia, como apontado por Varela; et al, (1999, p. 11), “É de particular importância levar em consideração essa diferença entre dados fenomenológicos e *qualia*, como comumente concebidos ao adotar uma perspectiva naturalista. Se a aparência fenomenal é rapidamente reduzida a algo totalmente inefável e incommunicável, o próprio projeto de uma naturalização de descrições fenomenológicas se torna uma contradição em termos. Como algo inefável pode ser explicado cientificamente? Se, no entanto, as duas noções são claramente distinguidas, o significado de uma abordagem naturalista fica claro: o que está em jogo é um estudo científico dos processos de fenomenalização da realidade”. “It is of a particular importance to take into account this difference between phenomenological data and *qualia* as commonly conceived when adopting a naturalist perspective. If phenomenal appearance is too quickly reduced to something wholly ineffable and incommunicable, the very project of a naturalization of phenomenological descriptions becomes a contradiction in terms. How can something ineffable be scientifically explained? If, however, the two notions are clearly distinguished, the meaning of a naturalist approach becomes clear: what is at stake is a scientific study of the processes of the phenomenalization of reality”.

¹² Esta posição é, aliás, um pressuposto do funcionalismo, na medida em que reconhecer que a mente tenha origem material não é propriamente defender que a mente seja redutível à estrutura biológica do cérebro. Além do mais, a posição reducionista da consciência traria grandes problemas de fundamentação para a visão funcionalista da mente, tornando inconsistentes as predições dos comportamentos de outros sistemas intencionais, como robôs e demais seres vivos, os quais possuem estruturas materiais diversas da fisiologia humana. Para um maior aprofundamento dessas questões ver *A mente segundo Dennett*, de João de Fernandes Teixeira (2008).

De fato, Husserl era um cartesiano, muito mais por conta da sua radicalidade metodológica, que Husserl considerava como o modelo mais adequado da reflexão filosófica, do que por consideração total dos elementos do solipsismo interacionista. Isso é indicado na sua análise da experiência do alheio, das vivências na coexistência e da explicitação fenomenológica do *alter-ego* presentes nas *Meditações cartesianas*. O conceito de *intersubjetividade* é introduzido justamente para indicar a movimento fenomenológico necessário de passagem do solipsismo transcendental, ou do *solus ipse* resultante da *redução*, para a intersubjetividade transcendental. De maneira que,

[...] Em mim, no quadro da minha vida de consciência transcendentalmente reduzida, tenho experiência do mundo, incluindo os outros, e, segundo o sentido da experiência, não como formação sintética minha, privada, por assim dizer, mas antes como um mundo que me é alheio, como um mundo *intersubjetivo*, como sendo para qualquer um, como um mundo acessível para qualquer um nos seus objetos. E, contudo, cada um tem as suas experiências, as suas aparições e unidades de aparição, o seu fenómeno-mundo, ao passo que o mundo experienciado é em si, perante todos os sujeitos que experienciam e perante os seus fenómenos-mundo. (HUSSERL, 2013, p. 129-130).

O modelo solipsista de análise da consciência é totalmente incompatível com a abordagem funcionalista proposta por Dennett. Como o nome sugere a noção de consciência funcionalista é a de que acessamos a mente a partir de suas funções refletidas pelo comportamento. Nesse sentido, podemos compreender o seu apontamento sobre as insuficiências, inclusive, do materialismo reducionista para a resolução das questões ontológicas sobre os fenômenos mentais, isto é, a de que a consciência pode ser reduzida à constituição física do cérebro. Assim, “Para o funcionalista, a caracterização adequada de quase todos os estados mentais envolve uma referência não eliminável a uma série de estados mentais com os quais o estado mental em questão está conectado em termos causais”. (CHURCHLAND, 2004, p. 59-60).

É com base nessas condições que a noção de *heterofenomenologia* é caracterizada por Dennett. Sua proposta é a de conciliar a descrição fenomenológica da realidade com o método propriamente científico, ou seja, sua concepção de método fenomenológico corresponde a “[...] um método de descrição fenomenológica que pode (em princípio) fazer justiça às experiências subjetivas mais privadas e inefáveis, sem nunca abandonar os escrúpulos metodológicos da ciência”¹³. (DENNETT, 1991, p. 72). Essa justiça metodológica ambicionada por ele é a correção dos excessos do introspeccionismo da tradição fenomenológica. Dessa forma, embora possamos

¹³ “[...] a method of phenomenological description that can (in principle) do justice to the most private and ineffable subjective experiences, while never abandoning the methodological scruples of science”. (DENNETT, 1991, p. 72).

estar razoavelmente seguros de nossos próprios fenômenos mentais, o seu conteúdo experienciado não pode ser cientificamente observado.

O funcionalismo de Dennett adere à noção de que a mente pode ser considerada a partir de uma relação de causalidade entre cérebro e comportamento, de modo que podemos acessar os fenômenos mentais de maneira objetiva. Justamente o que fenomenólogos como Husserl queriam evitar, isto é, que os atos intencionais que constituem a estrutura de consciência não fossem confundidos com a causalidade de fatos psicológicos. A partir dessas disposições teóricas e do contraste entre fenomenologia e a abordagem já naturalizada de Dennett, a *heterofenomenologia* vinculada ao modelo de análise funcionalista da consciência só poderá indicar que a descrição fenomenológica, antes realizada de maneira transcendental e subjetiva, seja agora empreendida e validada em terceira pessoa.

O modelo de fenomenologia proposto por Dennett está comprometido primeiramente com a rejeição da ideia de que exista de fato um eu¹⁴, já que ele não pode ser situado materialmente no cérebro. O eu é, na *heterofenomenologia* de Dennett, equiparável a personagens ficcionais que são construídos através da linguagem, podendo ser acessados objetivamente, sendo que “O mundo heterofenomenológico do sujeito será um positivo teórico estável e intersubjetivamente¹⁵ confirmado, com o mesmo status metafísico que, digamos, a Londres de Sherlock Holmes ou o mundo segundo Garp”¹⁶. (DENNETT, 1991, p. 81). A confirmação intersubjetiva equivale à observação das diferentes atitudes proposicionais realizadas pelo outro através do uso da linguagem.

¹⁴ A tradição fenomenológica está familiarizada com essa dissociação entre ego e consciência. O ego não é propriamente o elemento central na formulação da teoria do conhecimento de Husserl, daí a famosa separação entre o *eu empírico* e o *eu transcendental*. O ego não é o objeto da análise fenomenológica, muito embora ele apareça sempre como elemento psicológico que é constituído progressivamente a partir das experiências de mundo. Esta divisão fica ainda mais clara na fenomenologia de Sartre, que associa o ego não à consciência, mas ao mundo, como mais um de seus objetos componentes. Sendo assim, o *eu* “se dá a si mesmo como transcendente”. (SARTRE, 2015, p. 32).

¹⁵ Dennett pode não ter dado muita atenção para as considerações de Husserl sobre a intersubjetividade. Destaco este conceito por conta de que este ponto da validade intersubjetiva é apresentado por Dennett como uma novidade de sua proposta de fenomenologia. Tratarei disso na próxima seção a partir das críticas de Varela et al ao Dennett. Husserl tratou da dimensão intersubjetiva em algumas de suas conferências mais consagradas e publicadas como *Meditações cartesianas* (1929), em específico a Quinta meditação, e *Crise da humanidade européia e a filosofia transcendental* (1954). Ele, inclusive, dedicou-se a tratar especificamente da intersubjetividade nas conferências intituladas *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, publicadas em três volumes referentes aos períodos de 1905-1920, 1921-1928 e 1929-1935, ainda sem tradução para o português.

¹⁶ “The subject’s heterophenomenological world will be a stable, intersubjectively confirmable theoretical posit, having the same metaphysical status as, say, Sherlock Holmes’s London or the world according to Garp”. (DENNETT, 1991, p. 81).

O intersubjetivo é, no contexto de uma teoria funcionalista e materialista não reducionista, diretamente correspondente ao comportamento observável. Só podemos acessar a consciência através das manifestações comportamentais do outro. Por isso, a irrelevância dos qualia e dos dados fenomenológicos. Consequentemente, o uso da intencionalidade adquire uma significação totalmente diversa daquela que caracteriza a consciência fenomenológica. Ela deixa de ser um componente vinculado à constituição de um objeto correlato que associa consciência e mundo e passa a indicar os estados mentais em nível puramente funcional ou mesmo comportamental. Ao considerar a intencionalidade no âmbito funcional da mente podemos ampliar a sua abrangência para outros animais e mesmo para máquinas capazes de replicarem o comportamento humano. Estes são tomados, portanto, como “sistemas intencionais” (DENNETT, 1997, p. 46).

4. Neurofenomenologia: fenomenologia corporificada

Apesar das orientações dissonantes entre fenomenologia e naturalismo, ambicionadas pela maioria dos fenomenólogos e naturalistas, podemos encontrar o já mencionado movimento de naturalização da fenomenologia. É claro que essa aproximação parece preservar as especificidades de cada uma dessas concepções filosóficas explorando apenas os elementos convergentes no que se refere aos fenômenos conscientes. Além do mais, fenomenologia e naturalismo não são necessariamente posições filosóficas contraditórias, mas sim diferentes orientações metodológicas. Não há propriamente uma mútua e completa supressão entre os resultados de suas análises.

Há um comparativo sobre as especificidades dessas posições bastante interessante feito por David Cerbone através da observação de um livro pelas perspectivas contrastantes do naturalismo e da fenomenologia. Enquanto um naturalista poderia sugerir que a experiência visual do livro ocorre a partir de “raios de luz, retinas, moléculas e tímpanos, que figuram todos proeminentemente dentre as causas de nossa experiência” (2012, p. 21), um fenomenólogo começaria por afirmar que “Quando você vê, você vê o livro, por exemplo, não ondas de luz atingindo sua retina” (2012, p. 22). Essas descrições de experiências de consciência naturalista e fenomenológica ilustram diferenças de abordagem que não são contraditórias.

É possível considerarmos a dimensão naturalista e mesmo fisicalista de nossas experiências. O ponto de clara divergência com a posição fenomenológica é o de que elementos como moléculas e tímpanos que atuam na causalidade das experiências não aparecem nas nossas

experiências fenomenológicas. Isso não significa, no entanto, que a perspectiva naturalista seja eliminada completamente. É a partir do reconhecimento dos componentes que permitem conciliação que introduzo a naturalização da fenomenologia através da dimensão corporificada contida no conceito de *neurofenomenologia* de Varela.

O conceito de *neurofenomenologia* está vinculado à perspectiva corporificada (*embodiment*) da mente ou das experiências humanas, na medida em que “*embodiment* tem esse duplo sentido: abrange tanto o corpo como uma estrutura vivida e experiencial quanto o corpo como o contexto ou ambiente dos mecanismos cognitivos”¹⁷. (VARELA; et al, 2016, p. 64). O processo de naturalização da fenomenologia é, em Varela, influenciado por Merleau-Ponty e tem em vista a sua abordagem fenomenológica a partir da análise da cognição como experiência e não mais como comportamento observável em terceira pessoa como defendido na concepção funcionalista de Dennett.

A partir da constituição da *neurofenomenologia* como fenomenologia corporificada, Varela, entre outros, pretende minimizar os efeitos da circularidade existente entre as ciências naturais e as ciências humanas. Desta circularidade fundamental resultam as divergências entre as ciências cognitivas e disciplinas que tratam das experiências conscientes imediatas e reflexivas como a fenomenologia. A análise corporificada das experiências humanas tentará responder a circularidade realizada a partir de duas visões até então antagônicas e com as quais “supomos que nossa autocompreensão humana é simplesmente falsa e, portanto, será substituída por uma ciência cognitiva madura, ou supomos que não possa haver ciência do mundo da vida humano, porque a ciência sempre deve pressupor isso”¹⁸. (VARELA; et al, 2016, p. 81).

As estruturas cognitivas exploradas pela fenomenologia através da análise das diferentes intencionalidades e que compõem a consciência fenomenológica é corporificada na tentativa de pensar na fenomenalidade das experiências de consciência no contexto do multidisciplinar campo das ciências cognitivas. Ao contrário do reducionismo, a fenomenologia corporificada admite os dados fenomenológicos como conteúdo de consciência. Nesse sentido, a ciência cognitiva que rejeite os dados fenomenológicos além de manter a lacuna explicativa “é uma teoria da mente sem ser uma teoria da consciência”¹⁹. (VARELA; et al, 1999, p. 7).

¹⁷ “[...] *embodiment* has this double sense: it encompasses both the body as a lived, experiential structure and the body as the context or milieu of cognitive mechanisms”. (VARELA; et al, 2016, p. 64).

¹⁸ “We suppose either that our human self-understanding is simply false and hence will eventually be replaced by a mature cognitive science, or we suppose that there can be no science of the human life-world because science must always presuppose it”. (VARELA; et al, 2016, p. 81).

¹⁹ “It is a theory of the mind without being a theory of consciousness”. (VARELA; et al, 1999, p.7).

O introspeccionismo é considerado ultrapassado desde a sua supressão pelas teorias behavioristas de viés claramente antimentalista. Por sua vez, a superação do behaviorismo por uma teoria da mente, agora mentalista, o cognitivismo, é considerada pelos adeptos da mente corporificada como sendo ainda uma teoria incompleta por conta de sua orientação naturalista excessivamente vinculada ao reducionismo materialista. Nesse sentido, o problema é deslocado da questão mente-corpo para a dimensão do “problema mente-mente”²⁰. (VARELA; et al, 1999, p. 9). Os excessos reducionistas da posição naturalista das ciências cognitivas não explicam integralmente a relação entre as condições materiais da mente e as experiências subjetivas, tal como experienciadas em primeira pessoa.

A rejeição da fenomenologia como campo pertinente para a resolução de questões componentes da lacuna explicativa, como a encontrada no materialismo de Dennett é muitas vezes apontada como uma incompreensão da fenomenologia de Husserl. A suspensão da realidade e a volta para a própria subjetividade como reflexão pura é tomada como se o que de fato existisse fossem as imagens mentais como fotografias visualizadas apenas em primeira pessoa. Posição que certamente reforçaria o solipsismo. É claro que quando percebemos as coisas fenomenologicamente as percebemos a partir de perspectivas subjetivas. No entanto, “Sabemos como é ver fotos e como isso difere de ver o que elas retratam”. (CARR, 1998, p. 333).

Varela também aponta as insuficiências do pensamento de Husserl, na medida em que a visão fenomenológica da cognição ignoraria “tanto o aspecto consensual quanto o aspecto direto incorporado de experiência”²¹. (VARELA; et al, 2016, p. 85). Assim, a análise fenomenológica da cognição é igualmente incompleta por conta de seu flerte com o cartesianismo, sendo ela uma reflexão puramente abstrata. Mesmo assim, Varela faz algumas concessões à fenomenologia husserliana ao abordar a mente corporificada apontando, inclusive, as incompreensões de Dennett na adoção de uma posição de naturalização radical da fenomenologia e da consciência a partir de uma leitura equivocada. Desse modo,

Qualquer que seja o valor real de sua heterofenomenologia, fica claro que a demissão indevidamente rápida de Dennett da fenomenologia husserliana é uma consequência de sua assimilação com algo que não é; ou seja, um estudo de qualia no sentido de dados puramente individuais e um estudo realizado de maneira não rigorosa e impressionista. [...] a fenomenologia de Husserl é uma tentativa de criar uma caracterização rigorosa de fenômenos com um valor intersubjetivo e, como tal, requer uma refutação mais cuidadosamente argumentada²². (VARELA; et al, 1999, p. 23).

²⁰ “Mind-mind problem”. (VARELA, 1999, p. 9).

²¹ “Both the consensual aspect and the direct embodied aspect of experience”. (VARELA; et al, 2016, p. 85).

²² “Whatever the real value of his heterophenomenology, it is clear that Dennett's unduly quick dismissal of Husserlian phenomenology is a consequence of his assimilating it with something it is not; namely, a study of qualia in the sense of

Ao contrário da posição materialista de Dennett que torna a fenomenologia incompatível com a sua teoria da consciência, Varela considera possível que alguns dos *insights* de Husserl, mesmo que oriundos de um projeto pretensamente irreduzível, possam ser conciliados com alguns dos resultados das ciências cognitivas. Essa conciliação tem como pano de fundo a não contradição entre fenomenologia e naturalismo mencionada no início desta seção. Consequentemente, a *neurofenomenologia* pretende adequar os dados neurobiológicos com os dados fenomenológicos, sugerindo, inclusive a ideia de isomorfismo, através do qual “o neurocientista cognitivo precisa levar em conta as evidências fenomenológicas para identificar adequadamente os mecanismos explicativos corretos nos níveis neural e subpessoal”. (VARELA; et al, 1999, p. 68).

Como já mencionado, a fenomenologia transcendental de Husserl tenta conciliar idealismo com realismo, aos moldes kantianos, mas considerando as aparências como parte indissociáveis dos fenômenos e sem contar com a “coisa em si”. A proposta de suspensão da realidade natural no sentido de que a análise fenomenológica seja feita unicamente a partir de atos de consciência intuitivos também abarca os dados perceptivos. A percepção é um tipo de intuição na fenomenologia. No entanto, no que se refere à percepção de nós mesmos ou à percepção de nosso corpo vivido, “Não apreendemos nosso corpo como uma realidade externa entre outros, mas como algo que somos e vivemos”. (VARELA; et al, 1999, p. 35).

Com a noção de *neurofenomenologia* fundada por uma consciência corporificada, Varela, entre outros, aprofunda alguns elementos da fenomenologia de Merleau-Ponty, mas que já são indicados no pensamento de Husserl. Sendo assim, a fenomenologia, mesmo na sua versão transcendental, pressupunha a vinculação direta entre consciência e corpo, de modo que, “A consciência só se torna consciência humana e animal real pelo referimento empírico ao corpo, e só por intermédio deste ela obtém um lugar no espaço e no tempo da natureza - no tempo medido fisicamente”. (HUSSERL, 2006, p. 125). Sob essas condições, Varela; et al, considera que a “consciência perceptiva de objetos externos não é separável da consciência do corpo como um elemento em movimento. Nesse sentido, a percepção não pode ser assimilada a uma forma de mera contemplação: é ao mesmo tempo encarnada e praticamente orientada”. (1999, p.35).

purely individual data, and a study conducted in a nonrigorous and impressionistic way. [...] Husserl's phenomenology is an attempt at devising a rigorous characterization of phenomena with an intersubjective value, and as such it requires a more carefully argued refutation”. (VARELA; et al, 1999, p. 23).

5. Considerações finais

Como vimos, a fenomenologia é fundada pela posição antinaturalista de Husserl, não diretamente como uma filosofia da mente, mas como uma teoria do conhecimento que centraliza a análise dos diferentes modos de experiências de consciência, ou ainda, das diferentes intencionalidades que correspondem às estruturas essenciais da consciência. A noção de *redução fenomenológica* é fundamental para a volta à subjetividade e necessária para o movimento intencional. Essa redução é apenas um dos momentos da análise fenomenológica, ao contrário das leituras apressadas que sugerem que a fenomenologia seja unicamente uma teoria da introspecção, ou mesmo, apenas uma teoria reflexiva sobre imagens mentais.

A teoria da consciência funcionalista de Dennett critica a posição supostamente introspectiva de Husserl como se de fato ele estivesse incorrendo no mesmo modelo de análise solipsista de Descartes. A aproximação que Husserl ambiciona realizar com o pensamento cartesiano é, de fato, para constituir a fenomenologia a partir da metodologia cartesiana, mas para que ela possa ser igualmente um método de fundamentação rigorosa do conhecimento. Ainda assim, Husserl não considera o método de Descartes *ipsis litteris*. Especialmente, no sentido de que o *cogito* não pode ser isolado do mundo, uma vez introduzida a concepção fenomenológica de intencionalidade, isto é, da relação direta entre consciência e mundo. É precisamente neste sentido que a cognição é, na fenomenologia, considerada a partir de nossas experiências. Se é possível tratarmos de uma modalidade de solipsismo transcendental na fenomenologia, esse solipsismo deverá conter em si mesmo a dimensão intersubjetiva dos *alter-ego*, pois que o mundo é parte constituinte das estruturas de consciência.

Para contrastar com a abordagem naturalista de Dennett, apresentei a recepção da fenomenologia husserliana no pensamento de Varela; et al, de modo a indicar o processo de naturalização de algumas das proposições de Husserl, mas com as devidas correções das atribuições equivocadas de Dennett. Conseqüentemente, indiquei que as posições naturalistas de Dennett e de Varela são bastante diversas, seja em relação às suas concepções de consciência seja pelo papel que esses autores atribuem à fenomenologia na estruturação de suas análises sobre a relação entre mente e corpo e mesmo da mente com o mundo.

Dennett adota uma posição de naturalização radical da fenomenologia. Não poderíamos considerar, portanto, que o processo de naturalização da fenomenologia formulado com a noção de *heterofenomenologia* seja uma correta abordagem do projeto husserliano. Ainda que a adequação da

descrição fenomenológica para o âmbito do comportamento e de um modelo intencional estendido para a ação, diferentemente da significação utilizada por Husserl, corrobore, de fato, com a sua tentativa funcionalista de responder à lacuna explicativa acerca da natureza da consciência.

Por outra perspectiva, com a noção de *neurofenomenologia* Varela propõe a constituição fenomenológica da experiência com a causalidade natural das estruturas neurobiológicas e, em última instância aproximando os níveis do físico e do mental a fim de reduzir a lacuna explicativa do problema mente-corpo e, ainda, do problema mente-mente. A *neurofenomenologia*, absorvendo já a dimensão intersubjetiva presente na fenomenologia, reduz a distância originária entre a atitude fenomenológica e a atitude natural de modo a responder à circularidade entre as ciências humanas e as ciências naturais que se tornam incontornáveis no campo das ciências cognitivas. Ao compreendermos que a fenomenologia não é uma análise puramente introspectiva das experiências de consciência, podemos considerar a naturalização da fenomenologia através dos processos em que a consciência apreende o mundo enquanto fenômeno, mas isso não significa que os dados fenomenológicos obtidos através da análise intencional do mundo sejam equivalentes a elementos puramente qualitativos e privados.

6. Referências bibliográficas

CARR, David. *Phenomenology and fiction in Dennett*. In: International Journal of Philosophical Studies. Vol. 6 (3), 331-344. Routledge, 1998.

CERBONE, David R. *Fenomenologia*. Trad. Caesar Souza. Edição virtual. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CHURCHLAND, Paul M. *Matéria e consciência: uma introdução contemporânea à filosofia da mente*. Trad. Maria Clara Cescato. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

DENNETT, Daniel C. *Consciousness Explained*. New York: Back Bay Books, 1991.

_____. *Tipos de mente: rumo a uma compreensão da consciência*. Trad. Alexandre Tort. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.

HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Trad. Márcio Suzuki. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

_____. *Meditações cartesianas e Conferências de Paris: De acordo com a Husserliana I*. Editado por Stephan Strasser; Trad. Pedro M. S. Alves. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. *A crítica da razão na fenomenologia*. São Paulo: Nova Estella: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

PACHOUD, Bernard. PETIT, Jean. ROY, Jean-Michel. VARELA, Francisco. (Edit.). *Naturalizing Phenomenology*, Issues in Contemporary Phenomenology and Cognitive Science. Stanford: Stanford University Press, 1999.

RITCHIE, Jack. *Naturalismo*. Trad. Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ROSCH, Eleonor. THOMPSON, Evan. VARELA, Francisco. *The Embodied Mind, Cognitive Science and Human Experience*. Revised Edition. Cambridge: The MIT Press, 2016.

SARTRE, Jean-Paul. *A transcendência do ego, esboço de uma descrição fenomenológica*. Trad. João Batista Kreuch. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SERRA, Alice Mara. *Imagem e suporte: Fenomenologia e desconstrução*. Ekstasis: revista de fenomenologia e hermenêutica. V.3, N.1, 2014, p. 25 - 42.

TEIXEIRA, João de Fernandes. *A mente segundo Dennett*. São Paulo: Perspectiva, 2008.